

SONDAGEM DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS HIPÓTESES DE ESCRITA

Letícia Guirao Marinelli

Aluna do 3ª A do Curso de Pedagogia da FALS.

Orientação: Profª Ms. Eliane A. Bacocina

Durante o período em que cursamos a Faculdade nos deparamos com muitas críticas referentes ao ensino tradicional. Muito se fala em novas tendências, teóricos, metodologias, didáticas, entre outros. Nós, os educandos, inúmeras vezes nos percebemos confusos, o que é extremamente natural, visto que estamos sendo convidados para ajudar a mudar uma história.

Pelo fato de estarmos acostumados com uma prática que foi intitulada como “fracassada” tendemos a reproduzi-la, o que jamais queremos fazer. Então nos propomos a atuar de forma diferente, mas para isso é preciso não só comprometimento e responsabilidade, mas também consciência e segurança com relação ao que se está fazendo.

Sendo assim, entramos em um dos pontos mais discutidos, a alfabetização. E nela fundamentarei esta pesquisa, não tratando da alfabetização como um todo, devido ao fato de sua complexidade, mas principalmente abordando a questão da escrita. Busco compreender os conceitos sobre as fases da escrita, como devemos aplicar uma sondagem (após entender o que é) e depois de aplicada qual a maneira mais adequada de avaliá-la e com isso contribuir para o desenvolvimento da escrita dos alunos.

Esta pesquisa está baseada principalmente no livro *Psicogênese da língua escrita* de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, mas também conta com o suporte de outras obras que estarão mencionadas nas referências bibliográficas expostas no final do trabalho.

1. A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA E AS FASES DO DESENVOLVIMENTO DESSA LÍNGUA

1.1 BREVE HISTÓRICO DAS AUTORAS

Começarei este capítulo fazendo um breve comentário sobre o histórico das autoras do livro aqui discutido: Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

Emília Ferreiro (1937) é uma argentina enraizada no México que foi orientanda de Jean Piaget na Universidade de Genebra na Suíça.

Ana Teberosky é uma pedagoga de Barcelona que produziu juntamente com Ferreiro um efeito revolucionário nas propostas de superação das dificuldades enfrentadas por crianças com problemas de aprendizagem.

Discípulas de Piaget, buscaram evitar considerar a criança como um pequeno adulto (adultocentrismo) como se fazia antigamente antes da descoberta da infância. Dentre seus estudos sobre a construção do conhecimento destacam-se alguns muito valiosos de lingüística que buscam observar a construção da língua escrita.

Ao contrário de muitos educadores que atribuem à má formação e atuação dos docentes, e aos métodos e materiais didáticos ineficazes as dificuldades e falta de sucesso da alfabetização, Ferreiro e Teberosky explicam de forma diferente. Elas acreditam que se a invenção da escrita alfabética precisou de tanto tempo e história para ser concretizada, uma criança não precisa aprender imediatamente este processo visto que é tão complexo.

Nas diversas experiências com as crianças, onde investigavam a psicogênese da língua escrita, constataram que elas a todo o momento reinventam a escrita já que primeiramente precisam compreender o processo de construção e as regras de elaboração.

Segundo elas, a criança já chega à escola com saberes adquiridos previamente que expressa da sua maneira (por meio das garatujas) sem precisar de auxílio do professor ou de qualquer outro adulto. Sendo assim, os educadores devem valorizar esses conhecimentos que os alunos já possuem e aproveitar deles para colaborar de maneira mais eficiente com o processo de alfabetização.

1.2. OBJETIVOS DA PESQUISA

O livro elaborado pela Emília Ferreiro e pela Ana Teberosky é na realidade uma pesquisa que explica os processos e as formas pelos quais as crianças aprendem a ler e escrever. Elas já começam o livro mencionando que se entende por processo o caminho no qual a criança deve percorrer para a aquisição não somente da escrita, mas principalmente da compreensão de suas características, valores e função.

O objetivo maior com a execução da pesquisa foi o de mostrar a interpretação do caminho a partir da visão do aprendiz, e para isso, embasaram-se nos dados coletados por elas no trabalho experimental com crianças entre quatro a seis anos durante dois anos.

Devemos considerar que o processo de alfabetização tem dois âmbitos: um no que diz respeito aos adultos pretendendo cobrir uma defasagem e outra no que diz respeito às crianças buscando evitar que estas sofram por tal defasagem quando adultas (analfabetismo). As autoras asseguram que ambos os deveres são de encargo do Estado e deve ser garantido a qualquer indivíduo, pois é um direito de todos.

No entanto sabemos que a educação de qualidade tão discutida atualmente não é de fato distribuída para todos, pois com base nas estatísticas percebemos que os problemas como: repetência, analfabetismo e deserção, não ocorrem igualmente em toda a população, mas se adicionam em algumas classes que por questões étnicas, econômicas, geográficas ou sociais são desapoiadas.

Ferreiro e Teberosky deixam claro que o processo de alfabetização não deve ser mecânico do ponto de vista do educando.

A pesquisa por elas organizada contou com crianças que nunca frequentaram a pré-escola, portanto, com iniciantes na escolaridade.

Observando crianças que ainda não sabiam a ler de 4 a 6 anos, em diferentes situações criadas pelas próprias pesquisadoras, e assim ambas estudaram o desenvolvimento da escrita infantil.

As autoras pediam que as crianças escrevessem seus nomes, nomes de familiares, palavras típicas da alfabetização e frases que elas citavam. E para descobrir se a escrita espontânea demonstra o que as crianças entendem por escrita, apresentaram também propostas para desenhar e escrever palavras desconhecidas.

É interessante notar que a criança escolarizada pode ter certa resistência em escrever palavras desconhecidas, porque se acostumou a não tentar e sim copiar para não haver o erro. No entanto quando Ferreiro e Teberosky pedia para que as crianças escrevessem da forma que conseguissem quase todas aceitaram o desafio.

Para as autoras, o aspecto mais importante não é a grafia da escrita infantil, mas, a construção das crianças, analisando diversos fatores tais como a maneira como escreveram, o que quiseram passar e a influência da cultura presente nas produções.

1.3. FASES DA ESCRITA

No que se trata da evolução da escrita devemos sempre levar em consideração que cada criança é única e este processo ocorre diferentemente em cada uma dependendo de fatores como maturação, estímulos, etc.

No entanto, quando o educando está aprendendo a escrever, ele percebe que existem muitas diferenças entre pensamento e escrita. Isso gera conflitos cognitivos e para se sobrepôr a isso a criança necessita pensar e repensar fazendo e mudando suas tentativas de escrita até conseguir aderir “corretamente” a esse sistema alfabético convencionado.

Nas duas primeiras fases a criança não desenha tentando representar a fala, pelo contrário, seus registros demonstram que ela não compreendeu ainda a ligação entre letras e fala.

Esse procedimento só ocorrerá na terceira etapa quando fica mais nítida a tentativa da criança de reproduzir por meio da grafia a fala. É nessa fase que a criança desperta para a percepção de que a escrita tenta grafar a língua falada.

2. SONDAAGEM DA ESCRITA

2.1. O QUE É, COMO SE FAZ E QUAL A SUA IMPORTÂNCIA?

A sondagem é uma das estratégias a que o professor pode recorrer para reconhecer as hipóteses que os alunos (em fase de alfabetização ou não) estão com relação à escrita alfabética. É onde o aluno tem a chance de pensar sobre o que está escrevendo, assim fazê-lo com o intermédio de um adulto.

O professor por sua vez deve ter conhecimentos e habilidades que lhe permitam guiar com responsabilidade e intervir quando necessário quanto às hipóteses de escrita de seus alunos.

A sondagem é de grande importância, pois é por meio dela que o docente estará apto para perceber em qual etapa de escrita o aluno está. No entanto essa não é uma ferramenta que deve ser utilizada para rotular os alunos, pelo contrário, um professor consciente poderá contar com ela para basear suas propostas educacionais e saber aplicá-las da maneira mais adequada para cada aluno visando conduzi-los a última etapa: alfabética.

Executa-se uma sondagem da seguinte forma: primeiro o professor precisa escolher cerca de quatro palavras (normalmente procura-se partir da palavra maior (polissílaba) para a menor (monossílaba)); após isso deve ser escolhida uma frase que contenha uma das palavras descritas anteriormente. É importante que todas as palavras pertençam a um mesmo campo semântico.

Por exemplo: lista de animais

passarinho

formiga

sapo

cão

Eu amo brincar com meu cão.

Devo mencionar que no momento em que for pedido que a criança escreva a palavra monossílaba ela entrará em conflito porque pensa que as palavras precisam de pelo menos quatro letras para ser de fato uma palavra. Nesse caso ela pode chegar a colocar algumas letras a mais apenas para preencher a palavra.

A sondagem é uma atividade que preferencialmente se faz individualmente, desde quando começa o período letivo até o final dele para o professor saber o quanto cada criança evoluiu na produção escrita.

Nunca podemos exigir que a criança elabore uma escrita correta e sim pedir que ela escreva como conseguir e do jeito que ela acha que é.

Conforme o educando for escrevendo é importante que o docente peça que este leia o que escreveu. Nesse momento duas coisas precisam ser observadas: primeiro se a criança já percebeu que se lê e escreve da esquerda para a direita; e segundo se quando a criança escrever a palavra com muito mais letras do que o correto, se esta terá tal percepção e qual atitude tomará diante disso (normalmente o que for excedente será apagado ou rabiscado).

A partir dos resultados obtidos pela sondagem o professor poderá propor exercícios de escrita formando duplas onde um aluno possa aprender com a ajuda do outro. Exemplo: uma criança está na hipótese silábica e outra já está na hipótese silábico-alfabética, trabalhando juntas ambas serão beneficiadas, uma porque estará ouvindo os ensinamentos de alguém que já está mais adiantado e a outra porque estará reforçando o que já dominou.

2.2. ETAPAS DA ESCRITA

1ª ETAPA: ESCRITA INDIFERENCIADA

É a etapa em que não existe diferença entre as palavras que a criança escreve, tudo é muito parecido. Ela pode apresentar traços contínuos quando opta por letra cursiva ou traços descontínuos, quando opta pela letra de fôrma.

Além disso, nessa fase as crianças costumam atribuir o tamanho da palavra ao tamanho do objeto em questão e utilizam de garatujas para assim fazer. Por exemplo, a criança pode escrever formiga assim: _/^_/_/^_ (pois é um animal pequeno), e leão assim: _/^_/_/^_/_/^_/_/^_/_/^_ (pelo fato de ser um animal grande).

2ª ETAPA: DIFERENCIAÇÃO DA ESCRITA

Nessa etapa dependendo dos acessos e estímulos que a criança tiver, ela já poderá apresentar o aprendizado da escrita do próprio nome.

No entanto é preciso tomar o cuidado de não deixar que o aluno se limite a escrever apenas copiando um modelo proposto pelo professor ou por outro adulto.

Ainda atribui-se o tamanho da escrita ao tamanho do objeto, mas nesse caso a criança passa a usar as letras que conhece (principalmente as de seu nome e algumas que esteja muito acostumada a ver). Por exemplo, no caso de uma aluna que se chame Talita e que já escreva seu nome ela poderá escrever formiga assim: TTT ou TLA, e escrever elefante assim: TTTTTTTTTTTTTTTTTT ou TIALTIALTIATLA.

Apesar do avanço, nessa hipótese a criança ainda é a única que pode interpretar sua escrita, lendo por inteiro.

3ª ETAPA: HIPÓTESE SILÁBICA

Quando a criança chega neste nível já deve estar ciente de que cada marca produzida está representando um som ou uma sílaba.

Como já havia dito anteriormente, nessa fase podem surgir os conflitos sobre a quantidade de letras que devem ser grafadas para escrever as palavras monossílabas. Isso acontece porque a criança está acostumada a ver palavras com mais de três letras, e, portanto quando se depara com uma palavra curta não sabe como escrevê-la, pois esta fica abaixo do número mínimo de letras permitidas (diante da visão da criança que se encontra nessa etapa).

4ª ETAPA: HIPÓTESE SILÁBICO- ALFABÉTICA

Esta é a fase de transição entre a etapa silábica para a alfabética.

Podemos perceber essa transição quando notamos que o educando começa a se arriscar em utilizar algumas vogais para formar sílabas e também se preocupa em colocar as letras que de fato correspondem ao som da palavra ditada.

Sendo assim, uma mesma palavra pode conter a hipótese alfabética onde é representado um som da fala grafado com mais de uma letra e a hipótese silábica com sílabas registradas por apenas uma letra.

5ª ETAPA: HIPÓTESE ALFABÉTICA

Quando o aluno chega nessa fase, que por sinal é a última, ele já é capaz de fazer uma escrita que contenha uma análise sonora bem detalhada.

Essa é a fase em que a criança, apesar de não dominar totalmente as regras ortográficas, já possui certa autonomia na escrita visto que já consegue escrever mensagens que podem ser totalmente entendidas pelo leitor.

A língua portuguesa é formada por muitas regras, no entanto existem muitas exceções. Sendo assim, cabe ao professor levar o aluno ao conhecimento desse sistema ortográfico para aprimorar a sua escrita. No entanto, quando o aluno escreve uma palavra com uma diferença do padrão estabelecido por convenção o professor nunca pode se referir a isso como erro, mas também não pode deixar de apresentá-lo a norma culta da escrita para que esse aluno possa saber se comunicar eficientemente com qualquer pessoa.

3. PROPOSTA DE SONDAGEM

Relatarei aqui a proposta de sondagem que apliquei com as crianças. A atividade foi direcionada para três crianças, duas delas cursam o segundo ano do ensino fundamental e a outra cursa o primeiro ano (início da alfabetização). São estas as propostas:

1ª BRINQUEDOS

Autorama

Carrinho

Bola

Pá

- O menino chutou a bola e quebrou o vaso.

2ª- DOCES

Brigadeiro

Sorvete

Bala

Mel

- No calor minha mãe sempre compra sorvete para mim.

3ª FESTA

Refrigerante

Brigadeiro

Bolo

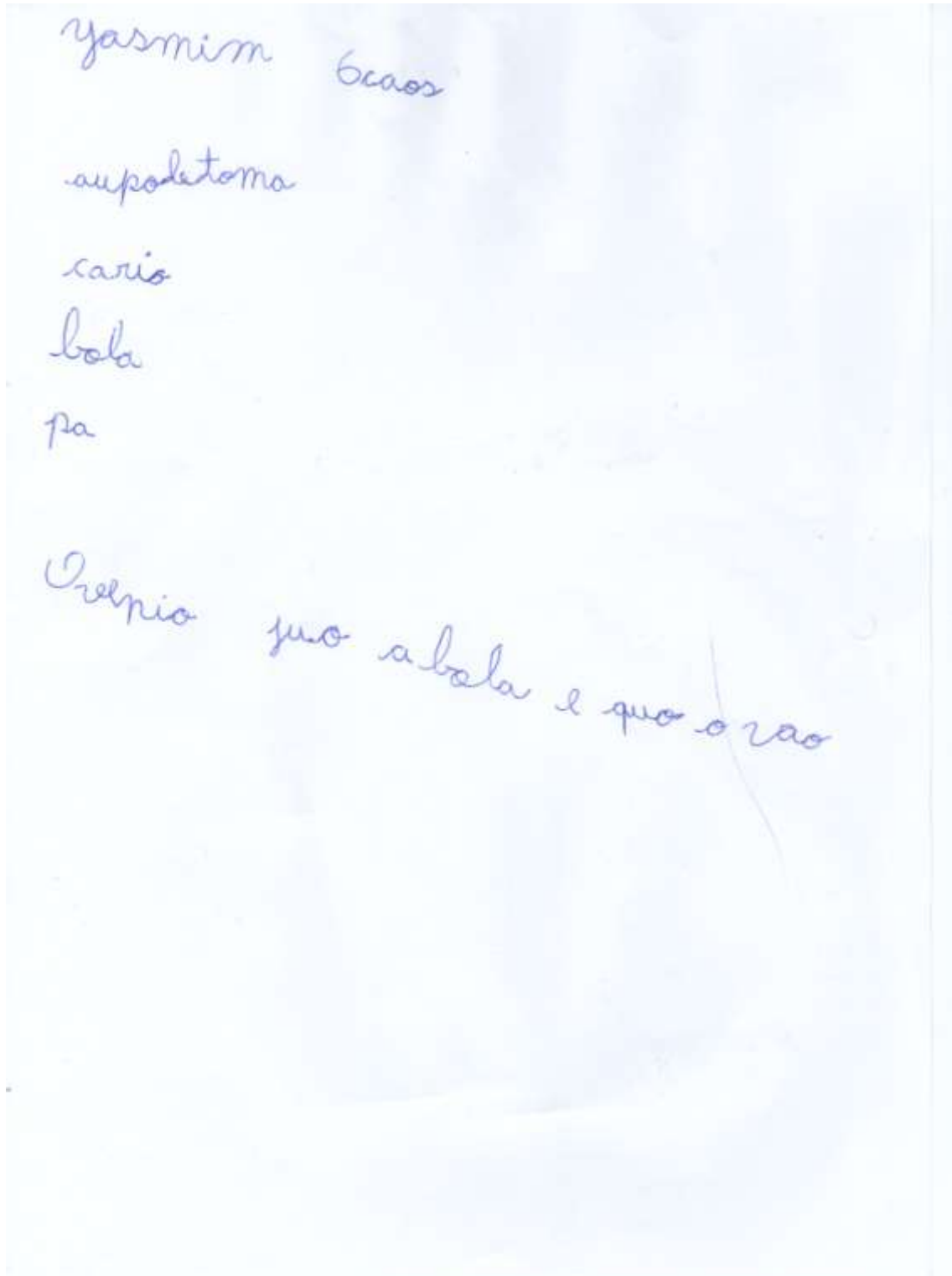
Docinho

Sorvete

Chiclete

- Eu gosto de sorvete.

4. APRESENTAÇÃO DA ESCRITA DAS CRIANÇAS



Isabella Gomes

brigadeiro

sorvete

brala

meu

no colar ~~meu~~ minha ~~meu~~ man sand gopro

sorvete para mim

Jays (6 anos)

Jays Pajizt → refrigerante

Bigad → brigadeiro pajiz → beijinho

Bago → bolo

gorid → docinho

sort → sorvete

xici → chiclete

Xit

lgo sorv
Éi goto de sorvete

5. ANÁLISE DA ESCRITA DE CADA CRIANÇA

Antes de começar as análises, informo que duas das crianças pertencem à mesma sala (2º ano do ensino fundamental) e outra pertence ao Colégio Objetivo de Praia Grande.

YASMIM (SEIS ANOS): SILÁBICO-ALFABÉTICA

A Yasmim é a única dos três alunos que acompanho desde o começo do ano passado, pois realizei o meu estágio na sala em que ela estudava.

Quando apliquei a sondagem na Yasmim, fiquei um pouco surpresa de ver os resultados já que esta é uma aluna que apresenta grande insegurança na hora de escrever. Desde o 1º ano ela sempre teve muita dificuldade para escrever, era considerada (e ainda é) a mais fraca da turma, costuma chorar na hora das provas ou de exercícios que exigem escrita sem auxílio de um adulto.

Disse que fiquei surpresa porque sempre acompanhei seu caso e percebia como a aluna tinha dificuldade para memorizar os nomes dados às letras e alguns sons também, por vezes confundia as letras e sempre costumava dizer **cá** no lugar de **c** (fato que ocorre com outras letras também).

No momento da sondagem a Yasmim sempre me olhava demonstrando as dúvidas e insegurança que tem, além de perguntar ao término de cada palavra se estava certa sua escrita.

A aluna ao escrever as palavras já consegue grafar corretamente quase todas as vogais em correspondência ao seu som, e grafava corretamente também a maior parte das consoantes. Algumas palavras como **bola** por serem constantemente utilizadas na alfabetização e algumas regras ortográficas como, por exemplo, a letra **u** acompanhando sempre a letra **q**, já foram memorizadas.

ISABELA (SEIS ANOS): ALFABÉTICA

Essa foi a aluna com quem eu mais me emocionei. É a mais nova de todos, entrou no 2º ano com cinco anos e uma timidez que nunca vi igual. A Isa até para falar sofre os efeitos de sua timidez, e sua escrita também sofria.

Isabela também foi uma aluna considerada a pior da turma, e até pouco tempo continuava sendo, pois tinha grandes dificuldades. A professora tinha que acompanhá-la nas provas, e se esforçar muito para ajudá-la a escrever.

No entanto, repentinamente notamos que a Isa estava melhorando. Começou a grafar as palavras corretamente e sem o auxílio da professora ou colegas. Quando perguntávamos se precisava de ajuda a resposta era quase sempre não.

Além de já estar na hipótese alfabética, a aluno demonstrou que já tem domínio sobre algumas sílabas mais complexas como **bri**, **pra**, **nha**, **lor** e **sor** e sobre algumas regras ortográficas como começar frase com letra maiúscula. Algumas regras ainda precisam ser aprendidas, por exemplo, **mel** no lugar de **meu** e outras grafias também.

Outro fato interessante é que algumas vezes ela mesma se corrige como podemos perceber na frase escrita onde várias vezes a Isabela riscou a copiou palavras novamente.

TAYS (SEIS ANOS): SILÁBICO-ALFABÉTICO

A Tays se mostrou interessada em realizar a atividade que propus. Segundo sua professora, ela é bem agitada, demora para fazer lição, não costuma prestar atenção nas explicações, porém está muito bem na leitura.

Ela está na hipótese silábico-alfabética, pois reconhece que a sílaba sempre é composta por pelo menos duas letras, embora algumas vezes tenha escrito letras sozinhas representando a sílaba (fato ocorrido nos momentos em que se dispersava).

Podemos reparar que nas sílabas **te**, **de** e **ge** a Tays utilizou apenas uma letra, porém devemos considerar que tal letra já representa o seu som e não é tão necessário o acompanhamento da letra **e**.

Algumas vezes a Tays recorreu ao alfabeto exposto na sala para tentar descobrir como deveria escrever o que ela não se lembrava. Cometeu alguns “erros” ortográficos que devem ser relevados, pois fazem total sentido. Exemplo: **gi** no lugar de **ji**, **si**, no lugar de **ci**, **xi** no lugar de **chi**.

6. APRENDIZAGENS E DESAFIOS

Esta pesquisa sem dúvidas foi de grande importância para minha formação acadêmica, pessoal e profissional.

Pude por meio dela abrir minha mente para diversas questões acerca do ensino-aprendizagem tais como me preocupa em como o professor ensina e também como o aluno aprende.

Anteriormente na Faculdade já tive a oportunidade de estudar e refletir sobre a alfabetização, inclusive fiz parte da turma que cursou “Alfabetização e letramento” com o professor Artaxerxes Tácito Tiago Modesto onde pude adquirir mais conhecimentos. No entanto sei que todo conhecimento é pouco quando se fala de algo tão complexo como a construção e o desenvolvimento das habilidades necessárias que envolvem a escrita.

Com este estudo reforcei mais a certeza que já tinha sobre a importância e eficiência da sondagem. No entanto, confesso que apesar de ter lido e pensado muito sobre ela, ainda me sinto insegura no momento de aplicar uma e principalmente na hora de avaliar visto que a avaliação não é uma simples classificação matemática. Na verdade, quando analisamos a escrita de uma criança devemos levar em consideração inúmeros fatores que cercam esta criança como, por exemplo, o nervosismo.

Um dos aspectos mais interessantes que sinto o prazer e dever de falar é que durante o curso aprendemos muito a respeito do que não fazer, e até ouvimos várias teorias novas que buscam a tão almejada educação de qualidade.

No entanto, quando se fala em prática, muitas dúvidas ficam no ar, porque sabemos que não podemos reproduzir os erros, que precisamos fazer diferente, mas com relação ao “o que fazer?” ninguém nos responde. Acredito que nós como futuros educadores temos que ter a competência de pensar sobre o que fazer na nossa prática educacional, mas ainda assim sentimos a necessidade de uma referência que norteie os nossos planejamentos. E posso dizer tranquilamente que a sondagem é uma referência para nós, além de estar dentro das tais novas propostas para a educação e o ensino qualitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa obtive novos conhecimentos e respeito da escrita infantil. Conhecimentos que além de servir como base para a minha futura prática docente, também foi eficiente para mudar a minha concepção de leitura e escrita.

Este trabalho foi baseado nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (discípulas de Piaget), que buscaram compreender como a criança aprende e principalmente com esta desenvolve a escrita alfabética. Assim como o mestre que guiou seus estudos, elas evitam considerar a criança como um pequeno adulto (adultocentrismo). Além disso, não pensam que a criança deve ser rápida para aprender a ler e a escrever pois levam em conta que a escrita é um processo complexo e que demorou muitos anos para ser inventada (o que é uma prova de sua complexidade).

Ferreiro e Teberosky incentivam que o professor aproveite as experiências extra-escolares dos alunos podendo partir deles para ensinar melhor os conteúdos curriculares.

Outra observação importante feita por elas é que a alfabetização tem função diferente para cada tipo de aprendiz. No caso de um adulto serve para cobrir uma defasagem, e no caso da criança serve para evitar que essa defasagem aconteça. E o dever de garantir essa alfabetização assim como a educação em geral pertence ao Estado.

Essa educação que o Estado garante deveria ser igualitária para todo e qualquer indivíduo, no entanto não é dessa maneira que funciona. Podemos perceber isso por meio dos índices que apontam para as classes mais desfavorecidas os problemas de analfabetismo, reprovação, entre outros.

Cada criança é única e por isso aprende de maneira e em tempo diferente. O docente jamais pode comparar seus alunos. O desenvolvimento da escrita depende de muitos fatores como: maturação, interação, estímulos, etc. Quando o aprendiz está no processo (caminho) de aprender a escrever, alguns conflitos surgem porque ele percebe que existem muitas diferenças entre pensamento e escrita.

A sondagem é um instrumento que serve para auxiliar o professor a perceber em qual nível de hipótese da escrita seus alunos estão. Esta ferramenta não pode de maneira nenhuma ser usada para rotular as crianças e sim para mostrar ao professor onde ele precisa ajudar mais o aluno e de onde ele poderá partir na transmissão ou revisão de alguns conteúdos.

É importante lembrar que a sondagem não é um exercício para obrigar o aluno a escrever corretamente. No momento em que for aplicada a criança deve se sentir bem à vontade para escrever da maneira que achar melhor. Outra parte bem delicada é a avaliação, pois esta não é uma fórmula matemática. O professor deve estar atento para muitos fatores que podem influenciar (positiva ou negativamente) a criança.

Normalmente escolhe-se cerca de quatro palavras que pertençam ao mesmo campo semântico. Dita-se essas palavras para a criança de forma decrescente (da polissílaba para a monossílaba) e por último pede-se que a criança escreva uma frase que contenha uma das palavras escritas anteriormente.

As fases da escrita são:

1º **escrita indiferenciada:** fase em que a escrita da criança não apresenta diferença entre uma palavra e outra, tudo é muito parecido. Ela pode optar por traços contínuos (letra cursiva) ou traços descontínuos (letra bastão). É nessa fase também que a criança costuma atribuir o tamanho da palavra ao tamanho do objeto.

2º **diferenciação da escrita:** a criança que possui muitos estímulos já pode aprender a escrever o próprio nome nessa etapa. Ainda atribui-se o tamanho da escrita ao tamanho do objeto, no entanto a criança passa a usar as letras do seu nome ou letras que costuma ver para grafar as palavras.

3º **hipótese silábica:** a criança ao chegar neste nível já está ciente de que cada marca reproduzida deve representar uma sílaba. Como normalmente a criança vê palavras com mais de quatro letras, pode apresentar dificuldades em escrever as monossílabas (pois não aceita que uma palavra seja grafada com menos de quatro letras).

4º **hipótese silábico-alfabética:** é a etapa de transição entre a hipótese silábica e a alfabética. Momento em que a criança começa a se arriscar a escrever sílabas com vogais e que as letras correspondam de fato ao som por elas produzido.

5º **hipótese alfabética:** é a última das etapas. Ao chegar nesse nível o aluno já tem autonomia para escrever, pois suas mensagens podem ser facilmente entendidas por um leitor. No entanto ainda falta ser fixado o conjunto de regras ortográficas da língua o que deve ser transmitido pelo professor.

Levar um aluno ao conhecimento e apropriação da leitura e escrita é uma tarefa extremamente complicada e exaustiva, porém não existe maior satisfação do que saber que fomos tão importantes para a vida da criança visto que o domínio de tais competências

permite ao aluno uma liberdade e autonomia para se expressar da maneira mais clara e adequada possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil*. 3^a ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BARROS, Célia Silva Guimarães. *Psicologia e Construtivismo*. 1 ed. São Paulo: Atica, 2009.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1981.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Iniciação a Pesquisa Científica*. 4. ed. Campinas: Alínea, 2007.

* Atividade realizada na disciplina “Práticas Pedagógicas III”, no 2º semestre de 2011.